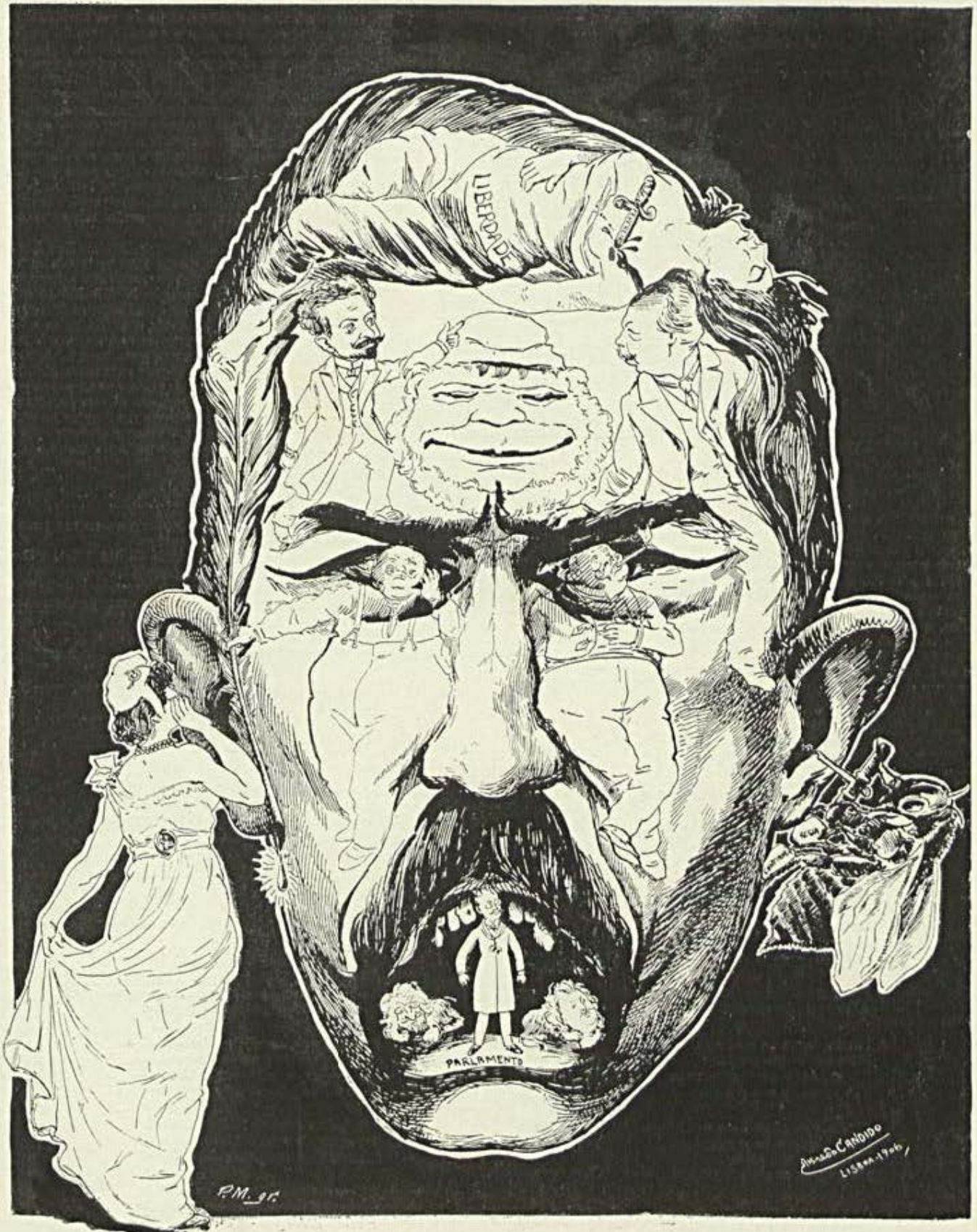


BRASIL-PORTUGAL

1 DE NOVEMBRO DE 1906

N.º 187

A cabeça do governo

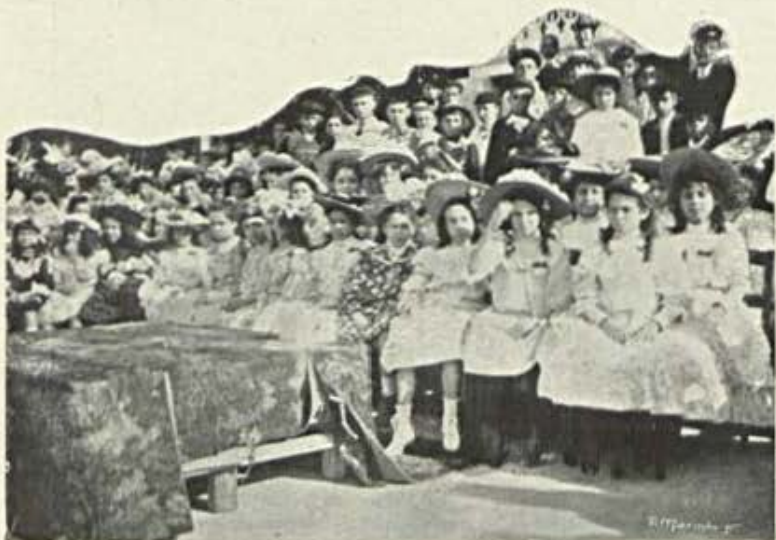


Daniel na cova dos leões

A festa das creanças

Foi no dia 14 no velodromo. Volveu-se apenas meio mez sobre esse grande acontecimento. Houvesse, porém, decorrido um seculo e a festa seria rememorada, vivida, em pormenores, pelos pequeninos heroes d'esse dia que não será esquecido pela vida adiante.

As gravuras que inserimos dão uma ideia vaga do aspecto do vasto recinto cheio á cunha. Mal se poderia descrever o conjunto d'essas quinze mil creanças de todas as escolas de Lisboa, de trajos claros, ruidosos, bulhentos, instaveis como bandos de borboletas, rindo, pal-



Orpheon

rando, correndo a conquistar logares, papagueando impressões, invadindo as galerias, bebendo extasiadas aquella liberdade de algumas horas, sob o olhar benevolente dos professores e das mestras, enchendo os ares de gargalhadas argentinas, sem respeito pela disciplina e n'um desrespeito pelo Principe Real, creança ha pouco, que presidia, e pelo discurso — perdido n'aquelle *brouháá* — do sr. João Franco.

Apenas se fez silencio em toda a linha quando começou o côro orpheonico, entoado por quatrocentas vozinhas afinadas. E era de ver a attenção religiosa d'aquellas cabecinhas, batendo o compasso, e comovendo-se na letra do hymno das Escolas — estrophes simples do conde de Monsaraz encaixilhadas n'uma toada dolente e suave:

O' Patria, dae-nos o santo
Pão nosso de cada dia;
Patria, enxugae-nos o pranto
Na saude e na alegria...

E' a escola que ha de erguer-vos
A' vida, á gloria immortal,
Nós somos a carne, os nervos
E o sangue de Portugal!

Desbravae, Patria, o caminho
Aos que, por valles e encostas,
Se arrastam do Algarve ao Minho
Gemendo de cruz ás costas.

O' Patria, ó mãe, defendei-nos
Da treva que nos invade,
Morrem exhaustos os reinos
A' mingua de claridade!

Patria, levae as creanças
Para um futuro melhor:
Rebanhos de ovelhas mansas
Vão atraz do seu pastor.

Patria, que chama e que abraça,
Como Christo, os pequeninos,
Fortifica a sua raça,
Desafrenta os seus destinos!

As creanças, que formaes,
De corpo são e alma sã
Hão de ser as mães e os paes
Das gerações de amanhã.

Sois, Patria, o homem e a terra.
Tornae o homem capaz
De morrer feliz na guerra,
De viver feliz na paz.

E depois do que hajais feito
Sempre terás, patria amada,
Um altar em cada peito,
E em cada mão uma espada.

Em abono da verdade saiba-se que a creança irreverente das primeiras filas ouviu com accentuada fizeza o discurso do sr. presidente do conselho. A das filas distantes manteve-se hilariante e despreocupada n'um arruido de gorgeios pouco em harmonia com a solemnidade do acto. No entanto esse discurso foi modelar e notavel sob todos os pontos de vista. Patria, Liberdade e Religião, taes foram os pontos capitais sobre que o orador bordou a sua oração, tirando effectos felizes, falando ao coração e ao sentimento, e sabendo por vezes enternecer e vibrar.

Não poderíamos transcrever na integra essa allocução lançada de improviso, pois que não teve tachygraphos e as folhas extractaram mal. Deixaremos apenas a ideia do final, quando o orador, n'uma inspiração, se voltou para o Principe Real, emprazando-o a que — á imitação de outros principes da casa de Bragança, que protegeram as artes, as lettras, a industria — tomasse sob a sua protecção a instrucção. O principe não esquecerá estas palavras que serão talvez uma prophacia:

«Aquellas creanças serão os homens de quem Sua Alteza ha de ser o soberano n'um dia que a Providencia afaste para longe. E' d'entre aquelles pequeninos, aquelles pobres, aquelles humildes, aquelles anonymos que não de sair os grandes homens de amanhã, os sabios, os estadistas, os litteratos, os artistas, os altos funcionarios civis e militares que não de collaborar com o chefe do Estado no engrandecimento e na gloria da patria. Por isto e tambem porque Sua Alteza é um estudante modelar, não deve esquecer esta solemnidade nem este dia. Houve tempo em que se dizia que os povos pertenciam aos reis, hoje não; hoje diz-se que os reis pertencem aos povos. Que sua alteza nunca deixe de manifestar ao seu paiz que por elle vive e para elle quer viver e encontrará sempre quem o coadjuve com dedicação profunda e sincera.»

Seria injusto omitir os nomes de quem mais concorren para a organização e brilhantismo da primeira festa escolar.

Meninos que tomastes parte no regabofe do dia 14 de setembro, nada de ingratições e gravae bem na memoria os nomes dos vossos inspectores — Antonio Waddington, Mariano Presado e João Vasconcellos. Elles aqui ficam e tomam nota de que d'elles depende a execução da festa rija do anno que vem.

UM SONETO

Mais uma joia litteraria vem illuminar as paginas do *Brasil-Portugal*. Firma-o nome de uma poetisa que allia á sua rara modestia um talento pujante — Branca de Gonta. Muito sentimento e muita arte dentro da maxima singeleza.

A UM BÊBÊ

(Esculptura de Teixeira Lopes)

Ditoso — tu!

As outras creancinhas
Hão-de crescer, amar, sentir... coitadas!
Hão-de lutar... por vis paixões mesquinhas;
Hão-de morrer vencidas e caçadas.

Emquanto tu, sorrindo entre covinhas,
Sempre cheio da luz das madrugada,
Éras verás que tu nem adivinhas,
Tendo a teus pés mil gerações pasmadas!

Sorri, doce creança! Nada temas!
Tu synthetisas perfeições supremas,
É immortal a tua pouca idade!

Ai, quem tivera o teu feliz destino!
Sempre sublime e branco e pequenino,
Ir vendo desdobrar-se a eternidade!...

Branca de Gonta Colaço.

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XIV

Política. Interesse da sessão parlamentar. A proposito da desorientação geral. Uma phrase do conselheiro Accacio. Os republicanos na camara não correspondem á expectativa geral. Explica-se a situação de suas excellencias cruzando os braços, uma vez que os monarchicos trabalham por elles. Factos sem commentarios. — Repovoamento de Lisboa. Começa a apparecer gente conhecida. A lama do Chiado. Reabertura dos theatros. Uma época theatral que promette.

A politica absorve as atenções. Para o parlamento, cujas sessões tem offerecido um interesse extraordinario, estão voltados todos os olhos. De facto, pouquissimas vezes as côrtes terão despertado a attenção do paiz como agora. Também, nunca como agora, ellas offereceram á nação attonita o espectáculo da sua força, do convencimento dos seus direitos, do uso e talvez abuso d'elles. Nunca, O conselheiro Accacio, de honrada memoria, se vivesse, poderia repetir a sua grande phrase, sem que em volta d'elle os sorrisos sarcasticos consagrassem esse lendario logar commum: «atrevessamos uma época calamitosa; parece que um vento de insanía varre os intellectos de môr valia.» O conselheiro traduziria n'uma phrase parrana o que, de resto, está no espirito de todos — conselheiros e não conselheiros. Sim, a desorientação vai-se generalizando por fórma tal, que já é difficil distinguir personalidades, distancias, principios, instituições... Andá no ar a poeira que as



A festa das creanças. — Orpheon

grandes baralhas levantam e que faz perder a tramontana a uns e cega outros.

As sessões parlamentares, cujos extractos são avidamente procurados por todos os que sabem lêr — que não são muitos mas que, n'este caso especial, são os bastantes — dizem muito mais do que nós poderíamos dizer do estranho caso, se a n'osso cargo estivesse a critica dos grandes acontecimentos politicos. Mas não está, felizmente. A nossa modesta emissão não é, graças a Deus, compatível com a magnitude do assumpto. Nunca ninguem se jactou da sua insignificancia com tanto prazer — com tanto orgulho, vá! — como nós, n'este momento.

Mas se é certo que não correm pela nossa pasta os assumptos de caracter politico propriamente ditos, não é menos certo que as occorrencias, sejam ellas de que natureza forem, desde que tenham grande resonancia, devem ter consequentemente o seu ecco no recanto humilde das chronicas de jornaes, valiosos elementos subsidiarios para aquelles que venham a fazer a grande Chronica que a Historia, isto é, que se lembrem um bello dia de por á mostra a calva dos nossos contemporaneos.

A entrada, na camara popular, de quatro representantes do partido republicano, radicou no espirito de todos nós, sem excepção, a convicção de que esses procuradores do povo de Lisboa, dada a sua origem, seriam graves elementos de perturbação para o regular funcionamento do poder legislativo. Receava-se tudo: ataques violentos ás instituições, accusações tremendas aos governos do regimen, excessos de linguagem destoantes e contundentes, obstruccionismo... A parte o sr. dr. João de Menezes que passa por ser e é pessoa tão ordeira e pacata como intelligente e estudiosa, os outros gosavam — mas já não gosam — reputação de «meninos que não são para brincadeiras». Do dr. Afonso Costa, a quem um impertinente achaque de larynge obriga a parcimonia nos dispendios oratorios, ainda haveria a esperar



A festa das creanças. — Alumnas distinguidas com o 1.º premio

alguma brandura. Mas do sr. Antonio José de Almeida, cuja intrepidez de combatente e vigorosa eloquencia tribunicia lhe crearam uma justissima fama de revolucionario ás direitas, e do dr. Alexandre Braga, de cuja valentia — na mais lata acepção da palavra — e poder suggestivo de palavra a ninguem é licito duvidar, esperava-se, positivamente, pouco menos que o fim do mundo. Pela certa iam cair o Carmo e a Trindade!

Pois bem. Aberto o parlamento, ss. ex.ª não se fizeram esperar no dizer de sua justiça. Rompeu o fogo o sr. Alexandre Braga, discursando sobre a nacionalidade do sr. ministro da fazenda — que continua gosando excelente saude. Seguiu-se-lhe o sr. dr. João de Menezes, que cavaqueou amenamente sobre os tabacos — que continuam sendo a peor das pestes. Veiu depois á liça o sr. Afonso Costa que falou um pouco sobre tudo — ficando tudo como dantes. E já se estreou o sr. Antonio José d'Almeida, fazendo um balanço aos sessenta annos do constitucionalismo — que não accusa desfalca de maior. E foram todos tão correctos, pessoas de tão lindas maneiras, tão amáveis, tão gentis, que os deputados monarchicos ficaram verdadeiramente encantados com elles, perguntando uns aos outros: «Mas, então, são estes os medonhentos revolucionarios que iam fazer chacinas horriveis, sangociras pavorosas, arrasar o throno a golpes de eloquencia?... Estarão elles a caçoar connosco?»

Não estavam tal. Simplesmente os illustres representantes do partido radical em côrtes reconheceram, logo no começo dos trabalhos parlamentares, que não lhes valia a pena esgotarem as proprias energias na rude faina de demolir, uma vez que n'ella se empenhavam aquelles a quem cabia precisamente o mister contrario: consolidar. De facto, deu-se este caso estranho, talvez sem precedentes nos annos do parlamentarismo: estarem os inimigos das instituições assistindo muito tranquilamente ao espectáculo estupendo de um feroz ataque a essas instituições... pelos seus proprios parciaes! Não ha duvida. Até o momento em que escrevemos, os monarchicos, no parlamento, — com excepções, é claro — tem trabalhado... por conta dos republicanos!

O sr. presidente do conselho afirma com um significativo movi-



A festa das creanças. — Jayme Arthur da Costa Pinto (Distingue-se bem)

mento de cabeça ao sr. Affonso Costa que, se o julgar necessario, estará prompto a collaborar com os republicanos. O sr. Arroyo, todo entregue ao sport de pôr em cheque as instituições, disse um dia d'estes em plena camara dos pares: «nós, os que ainda somos mo-



O presidente do conselho de ministros, orando na festa das creanças

narchicos...». O sr. Alpoim reedita, a proposito de tudo, a Historia da Revolução Franceza, á razão de fascículo por discurso. Ao sr. Baracho deu-lhe para cuspir em tudo e todos. Na camara electiva, o leader da minoria regeneradora, conde de Paçõ Vieira, tendo produzido um notavel discurso, espera ainda, bem como outros deputados monarchicos, resposta do governo. Contudo o deputado republicano Antonio José de Almeida teve-a logo, immediatamente, apoz uma vigorissima tosa applicada a «isto tudo». Apressou-se a dar-lh'a o sr. ministro das obras publicas, que não abraçou o inimigo no local da refrega... porque não calhou. A pessoa do monarcha é posta a descoberto e discutida como se se tratasse de um simples administrador de concelho...

...E basta. Até aqui chegamos nós, ao registo do que se passa. Commentarios, faça-os quem quizer, em casa, com a mulher e os filhos, a creada e o gato.

Lisboa repovoa-se. Chegam corridos pelos primeiros frios os ve-reantes. Dos campos e das praias regres-sam, segundo vejo nos jornaes, muitas pessoas que dão tom a esta terra, que sem ellas é uma kabilda marroquina, com cães

ferozes que mordem as canellas do sr. Malheiro Dias. Por toda a parte apparecem figuras conhecidas que ha muito não vimos: á porta da Havaneza, nos theatros, no Gremio.

As casas de modas expedem lindos chromos aos milhares, pedindo uma visita de madame aos seus ateliers, onde madame irá encontrar coisas maravilhosamente bellas que lhe provocarão gritinhos de surpresa no acto da compra e aos maridos berros de desespero no acto do pagamento. Na Avenida já se encontra uma ou outra carruagem chic com lindas mulheres de olhar perscrutador, como que verificando se tudo está na mesma e se aquelle bello moço de bigode á Kaiser e luvas amarellas ainda estará pelos ajustes de um flirt sem consequencias.

O Chiado começa a sujar se, estando no entanto muito longe d'aquella situação que lhe dá foros de rua illustre — palmo e meio da lama preciosamente conservada pelo esguicho municipal. Mas, se Deus quizer, dentro de um mez o mais tardar já a gente ha-de ter a satisfação de vêr aquella elegante via publica no apagueo do chic, tendo de limpar o bigode dos salpicos de lama que as rodas das equipagens ricas nos forem atirando.

Reabriram todos os theatros, a epoca promete surpresas e Deus queira que ellas sejam muito agradaveis. Em quasi todos elles se trabalha na montagem de peças espectaculosas com que as respectivas empresas, á porfia, querem chamar a attenção do publico. Na Trindade, o empresario Taveira poz já em scena uma magica de Eduardo Garrido com desusado esplendor e bom gosto. Guardaroupa, scenario, adereços, nada deixa a desejar, representando a montagem da peça um sacrificio enorme para um theatro cujo rendimento é de 5008000 réis! No D. Amelia, que se defende magnificamente com a sua enorme e bem graduada lotação, prepara-se, tambem, uma peça phantastica, feita por Eduardo Garrido sobre as conhecidas Viagens de Guliver. As gazetas dizem já maravilhas d'essa peça que, segundo se diz, subirá á scena em dezembro. No Principe Real ultimam-se os trabalhos de montagem do Templo de Salomão, peça do antigo repertorio que o sr. Maximiliano de Azevedo acomodou ás exigencias do theatro moderno e que será posta com riqueza. No theatro da Avenida, José Ricardo — que andou todo o verão por França e Italia — está caladinho como um rato, fumando tranquillamente o seu charuto, com o ar despreocupado de quem tem a sua ferrada. Allí ha coisa, oh se há! Mas vão lá arrancar uma palavra áquella sphyngé! Palpita-me, porém, que pouco viverá quem não vir José Ricardo honrar a sua brilhante tradição de empresario, pondo em scena qualquer peça com o arrojo com que fez a montagem da Volta ao mundo, com a suprema audacia com que montou, no Porto, as Formigas e formigueiros, esta com luxo, bom gosto e riqueza que ainda não vimos excedido em Portugal.

A epoca theatral vae ser de surpresas, não ha duvida. Oxalá ellas sejam agradaveis para todos, uma vez que todos se esforcem por honrar a arte e bem servir o publico — este bom publico de Lisboa que é a creancinha mais bem educada e paciente que um viajante pode encontrar á volta do mundo.

CAMARA LIMA.



A festa das creanças. — Comissão escolar

Da esquerda para a direita, 1.º PLANO: — João Vazconcellos, inspector da 2.ª zona escolar, — Mariano Presado, inspector da 1.ª zona dr. Agostinho de Campos, director geral de instrucção publica — Antonio Waddington, inspector da 3.ª zona — Magno 2.º PLANO: — Mendes — Marinho — Diniz — Vieira

Os Cardane nas Caldas

Uma parábola

Foi ha dias, ha poucos dias ainda, a dois passos da fabrica de faianças, de que Manuel Gustavo mantem de pé as tradições de arte que lhe legou o pae, o grande e inconfundivel Bordallo Pinheiro.

Um jantar alegre, um jantar rebuscadamente fino, que faria estarrecer o mais exigente *gourmet*, reunira á meza de D. Elvira Bordallo dois francezes espirituosos — o Cardane e m.^o Cardane — e um simples pastor de almas — eu.

Os Cardane, encantados, adoram o paiz. E citaram-se as bellezas naturaes, a pureza do nosso céu, o nosso ar reconfortante, os monumentos, a arte, a bondade do povo. E abriam-se paginas da historia das navegações, das conquistas, dos heroismos, de rasgos de alta cavallaria dos aventureiros que fomos, nos tempos em que o luso sabia não deixar os credits por mãos albeias, e era sempre o primeiro na vanguarda dos empreendimentos.

Então m.^o Cardane trouxe um proposito amavel, uma parábola a que não fez commentario.

— «Era uma vez uma franceza...»

Ora esta sua patricia gentil — menos por certo do que a narradora — era rica de bens da terra, mas vivia n'uma ancia de emoções que lhe distendesse os nervos amolentados no ramerrão da vida de Paris. Viuva, sem filhos, depois de viajar pelos paizes civilisados, depois de se enfiar de fausto em Londres, de arte em Roma e Turim, de palacios e de gondolas em Veneza, de *ambismo*, militarismo e sabença em Berlim, de porcaria e outras mahometanices em Constantinopla, de principes e nihilistas em S. Petersburgo, resolveu partir para as regiões polares.

E uma bella manhã embarcou n'um porto de Finlândia com rumo a Spitzberg. Ora durante a travessia o vapor que a levava cruzou-se com um dos muitos barcos costeiros que se empregam no serviço dos balieiros n'aquellas paragens e no transporte de passageiros pones endinheirados. Novo capricho de phantasiosa franceza — ir no barco. E foi.

Uma Rabel o couvez da fragil embarcação. Havia de tudo e de todas as nacionalidades, e crenças — chinezes, finlandezes, inglezes, turcos, allemães, hospanhos, portuguezes até. Os portuguezes apparecem sempre. Parece que não haveria a bordo sombra de francezes, pois que os não mencionou a ultra graciosa contista.

No segundo dia de viagem grande reboliço e algazarra — um enorme cachalote seguia a embarcação com ares pouco tranquillizadores. Seria um cetaceo? seria um tubarão? Na duvida deliberou-se aguentar-o na esteira do barco atirando-lhe gulodices, até que uma ideia suggerisse o meio de o haver ás mãos.

A primeira gulodice foi uma caixa de tangerinas que o monstro enguliu n'um abrir e fechar de olhos, mergulhando logo. Mas pouco depois com elles de novo o cachalote, que, pela forma expressiva de abrir as queixadas, parecia dizer «soube-me a pouco».

Consultas, deliberações e por fim atiraram á agua um chinez. O pobre chinez sumiu-se no interior do bicho, que por seu turno se sumiu no seio das ondas, para breve reaparecer á tona d'agua.

Nova consulta e nova petisqueira para o chareo: cairá a triste sorte n'um judeu que sem resistencia se deixou enfiar pelo comilão dentro.

— Mais! berrou o nadador incausavel, na sua eloquente nudez e no seu bater de queixos.

Como não surgia uma ideia, e como era necessario entreter o patife, pegaram com todo o geito n'um inglez, vermelho como baterraba e hirto como um mastro de coçaça e baldearam-o pela borda fóra. O inglez caiu hirto e vermelho na bocarra escancarada do animal, e o caldeirão afundou-se outra vez no mar deserto e insensivel áquellas tragedias gargantuanas.

Minutos volvidos nova investida e novo conselho. Resolução rapida. Votado um portuguez. O qual portuguez, que por signal era ilheu, tanto que isto ouviu, poz-se a rir e disse:

— Não é o filho de meu pae que ha-de entrar n'aquelle açougue para conserva. Tenho uma ideia: vou pescar o magarefe...

E se melhor o disse, melhor o fez, o valente, que sempre a rir, harpou o bicho, com grande espanto dos outros que nunca na sua vida haveriam dado á luz uma ideia.

Então a embarcação aprou a costa que era habitada, levando a reboque o monstro, que logo foi vendido a uns balieiros. Quando procederam á desmancha do cachalote ouviram-se vozes que parecia saírem-lhe das entranhas. Rasgado cautelosamente o ventre, viu-se lá dentro o chinez a discutir com o judeu que pretendia vender-lhe as tangerinas por preço salgado, e em pé o inglez, sempre vermelho e sempre hirto, a tomar apontamentos na carteira.



A festa das creanças. — Grupo escolar

— E depois?

— Depois! *c'est fini*... O chinez fez uma venia ao portuguez, o judeu presenteou-o com uma tangerina...

— E o inglez?

— O inglez... esse apertou-lhe a mão em silencio e seguiu pela praia fóra, vermelho e hirto...

Uma hora depois o comboio levava da estação d'esta sempre leal e nobre villa de Obidos o casal Cardane e o seu alegre companheiro E. Rey de Montreuil, e eu recolhi á melancolia do meu franciscano presbyterio, a seismar na amabilidade da parábola, que tambem deixo sem commentario.

FREI ANTONIO.



Ha uma regra para julgar os livros como os homens, mesmo sem os conhecer: basta saber por quem são amados e por quem são odiados.

J. DE MAISTRE.

Política internacional

A questão sensacional do dia na política internacional é a publicação das "Memórias do príncipe de Hohenlohe", o antigo chanceler imperial da Alemanha falecido ha alguns annos. O escandalo produzido pelas revelações, que n'essas memórias se contem, foi ainda augmentado pelo

telegramma que o Kaiser, no primeiro momento de raiva e de despeito, enviou ao filho do auctor das "Memórias", o príncipe Philippe, e que desastrosamente veio sublinhar a excepcional importancia da indiscrição commetida.

O conteúdo, com effeito, das "Memórias", é de molde a explicar a sensação, que ellas estão produzindo. O príncipe de Hohenlohe reproduz as mais intimas confidencias, que lhe foram feitas pelo proprio imperador, pelo príncipe de Bismarck e seu filho Herberto, por diversos soberanos allemães e outros personagens eminentes do imperio. Póde bem avaliar-se pelas pessoas, que n'estas "Memórias", figuram, o interesse que ellas apresentam e como estão sendo lidas com avidéz em todas as chancellarias.

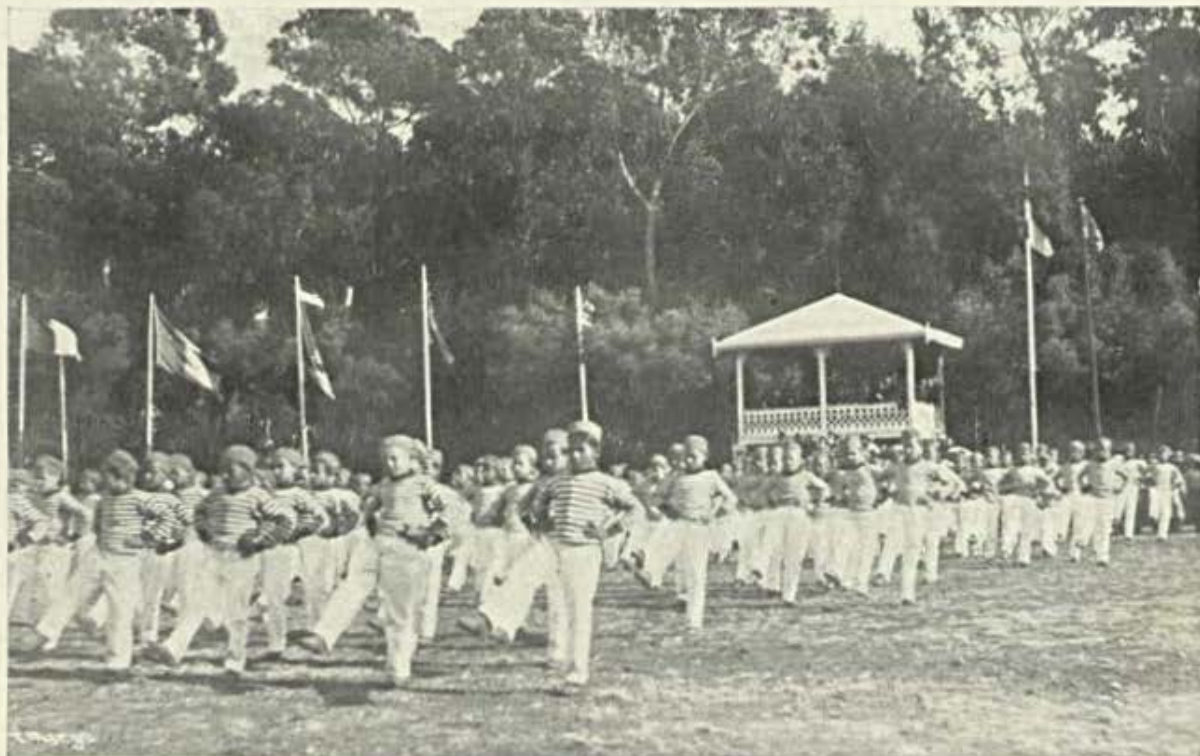
As partes mais sensacionais do livro do príncipe de Hohenlohe são as que se referem ao conflicto entre o príncipe de Bismarck e o imperador, conflicto que teve como epilogo a demissão do grande chanceler, e as que tratam da politica internacional da Alemanha, especialmente das relações d'esta potencia [com a Russia e a Austria.

A historia do conflicto de Guilherme II com o seu ministro é contada em todos os pormenores pelo proprio imperador, que a re-

latou completa ao fallecido, e d'ella se destacam curiosos episodios, como o da ultima entrevista entre o Kaiser e Bismarck, a qual segundo a declaração de Guilherme II foi de tal maneira tempestuosa e violenta, que a todo o momento o imperador esperava que o ministro "lhe atirasse á cara com o tinteiro, (sic). Esta parte que se refere ao príncipe de Bismarck está talvez destinada ainda a produzir um novo escandalo. E' sabido, com effeito, que o grande chanceler reservou o terceiro volume das suas "Memórias", — o que está destinado a produzir maior sensação pelas revelações que contem, — para sómente ser publicado quando tenham fallecido todos os personagens a que elle se refere, a menos que o bom



A festa das creanças. — Orpheon (regido pelo sr. Guilherme Ribeiro)



A festa das creanças. — Gymnastica sueca

nome do auctor não reclame essa publicação, para defender a sua memoria de falsas accusações ou para esclarecer os motivos intimos do seu proceder, em cujo caso os herdeiros depositarios do manuscripto pódem desde logo proceder á publicação d'esse ter-

ceiro volume, cujo original para maior segurança está depositado na caixa-forte do Banco d'Inglaterra. Ora parece que a publicação das "Memórias", do príncipe de Hohenlohe, é considerada pelos herdeiros de Bismarck como o caso previsto pelo chanceler. D'este modo a um escandalo seguir-se-ha outro porventura de consequências mais graves.

Mas não é só sob este ponto de vista que as "Memórias", do príncipe de Hohenlohe estão sendo apaixonadamente discutidas na Alemanha. Ha ainda um aspecto d'ellas, que tem impressionado vivamente os diferentes circulos politicos europeus, sobretudo os da Rus-

sia e da Austria-Hungria. Da leitura d'estas "Memorias, sobresaem acima de tudo a dobléz da politica externa da Allemanha. Por ella se vê que Bismarck jogou successivamente com a Austria e com a Russia para os seus fins, não occultando ainda por cima a pouca ou nenhuma consideração que tinha por qualquer das duas. Assim, procurou por todos os modos entender-se com o tsar e abandonar ao seu destino o imperador Francisco José, apesar da alliança que prendia a Allemanha a este monarcha. Depois, quando viu que não podia contar incondicionalmente com o governo de S Petersburgo, voltou-se novamente para Vienna, não sem continuar a ter, comtudo secretas intelligencias com a côrte da Russia.

A mesma dobléz e o mesmo procedimento machiavelico apparecem nas relações da Allemanha e da França.

Pôde calcular-se, pois, o effeito d'estas revelações exactamente no momento em que a tortuosa politica de Berlim tantas desconfianças desperta, e quando por ellas se vem a ter a confirmação de que não são infundados os receios que inspira a deslealdade da politica externa da Allemanha!

E' esta a consequencia mais grave da publicação das "Memorias, do principe de Hohenzolhe, e comprehendendo-se por isso a irritação de Guilherme II e a emoção que vae por Wilhelmstrasse. Simplesmente foi inhabil e altamente impolitico ao desastre da publicação ter juntado o erro do telegramma ao principe Philippe, que tão inopportuna-mente veio sublinhar o valor das revelações feitas...

Abriu-se definitivamente no ministerio francez a crise de que já ha algum tempo se falava, mas que até agora tinha sido constantemente desmentida. O sr. Sarrien, pretextando falta de saude, entregou ao presidente da Republica a sua demissão, tendo sido encarregado pelo sr. Fallières o sr. Clemenceau de formar o novo gabinete. Até ao momento, em que escrevemos, nada se sabe da nova combinação ministerial, dizendo-se comtudo que entrará para a pasta da guerra o general Picquart, que o sr. Bourgeois abandonará a pasta dos estrangeiros e que será encarregado de uma pasta o sr. Millerand. E' impossivel saber por agora a verdade d'estes rumores, tanto mais que a modificação ministerial pôde assumir maiores proporções do que a principio se tinha julgado.

A crise do ministerio francez, crise interna e não determinada por qualquer votação contraria da camara, de ha muito que era prevista. O sr. Sarrien, que no primeiro momento fôra considerado indispensavel para manter a unidade dos diversos elementos da maioria, vira-se pouco a pouco supplantado pelo ministro do interior, que immediatamente se impoz á camara e se tornou o verdadeiro chefe do ministerio. Sobretudo depois do celebre duello parlamentar com o sr. Jaurés a posição do presidente do conselho tornou-se insustentavel, offuscado completamente pela energia e pelo

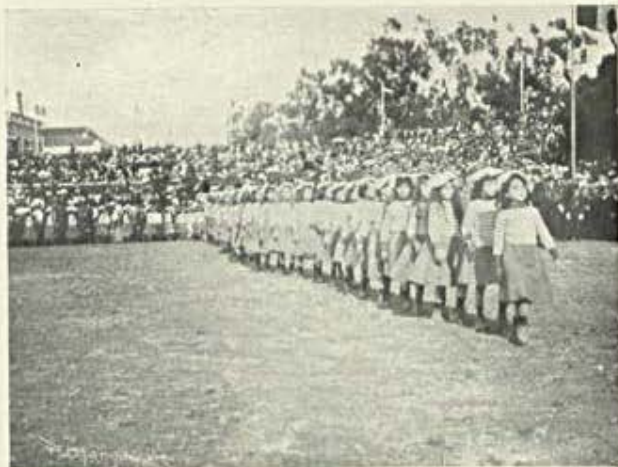
Sempre se verificou afinal ser authenticico o pedido de demissão do conde Goluchowski, ministro dos negocios estrangeiros da monarchia austro-hungara. O telegrapho annuncia-nos, não só que o pedido foi presente ao imperador, mas que o imperador o acceptou.

Não ha duvida que a demissão do conde Goluchowski representa um novo triumpho da Hungria e um novo elemento de discordia



A festa das creanças. — Exercícios de meninas

portanto entre as duas metades do imperio. Foram os húngaros que impuzeram a demissão ao ministro dos negocios estrangeiros, sob pena de lhe promoverem uma accusação em fórmula na proxima reunião das delegações. Ante essa perspectiva o conde Goluchowski preferiu apresentar a sua demissão desde já, tanto mais quanto estavam perdidas todas as esperanças de que o sr. Wekerlé, presidente do conselho de ministros da Hungria, o cobrisse contra o ataque dos deputados magyares. O imperador Francisco José empregou todos os meios ao seu alcance para não se separar do ministro, que tinha não só toda a sua confiança pessoal, mas ainda a confiança de todos os circulos politicos da Austria. Ante a irreductivel opposição, porém, dos húngaros teve de ceder. Mais uma vez foi vencido...



A festa das creanças. — Exercícios

brilho da palavra do sr. Clemenceau. Actualmente o sr. Sarrien era apenas o chefe nominal do ministerio, uma simples figura decorativa. A orientação politica do gabinete quem a dava era o antigo director da Justice, cuja auctoridade cada dia mais se firma não só no parlamento mas no paiz inteiro. Não admira, pois, que o sr. Sarrien quizesse pôr termo a uma situação que nada tinha de agradável para elle pessoalmente e que podia trazer consigo serios inconvenientes para os interesses do paiz, dependentes da solução de algumas questões, que para serem levadas a bom termo demandam grande energia e por consequencia completa unidade de vistas da parte do governo.

O odio dos húngaros contra o conde Goluchowski proveiu de elles o fazerem responsavel pelo conflicto entre a corôa e a colligação magyar, e ainda por o considerarem, pela fórmula como tem dirigido a politica externa do imperio, systematicamente hostil aos interesses húngaros, sobretudo na peninsula dos Balkans. Assim, a attitudo do ministro dos negocios estrangeiros para com a Servia é motivo de acerbas criticas e de geraes censuras. Mas esta attitudo da Hungria tem como inevitavel consequencia acirrar os animos na Austria, e não será difficil de prevêr que a victoria agora alcançada pela Hungria com a demissão do ministro dos negocios estrangeiros vae novamente envenenar o conflicto sempre latente entre as duas metades do imperio. Já a proposito de quem será o futuro successor do conde Goluchowski começou a szedar-se a polemica entre os jornees de Vienna e os de Budapest. Quer a imprensa austriaca que seja um austriaco o ministro dos negocios estrangeiros, que o imperador Francisco José tem que nomear. Pelo seu lado a imprensa magyar quer que para esse alto posto seja nomeado um húngaro. Qual das duas pretensões tem mais probabilidades de vencer? Quer-nos parecer que a pretensão hungara. Na Transleithana a situação é mais melindrosa para que o imperador lhe despreze as indicações. A Austria vencida n'esta questão não suscitará a Francisco José tantos embaraços como se a vencida fôr a Hungria. Por isso é de presumir que o futuro ministro dos negocios estrangeiros seja um húngaro. Em todo o caso, húngaro ou austriaco, será esta questão mais um incidente desagradavel entre as duas nações, que cada dia se afastam mais uma da outra.

CONSIGLIERI PEDROSO.

Quanto mais virtuoso é o homem, menos vaidade tem de o ser, e mais se persuade de que apenas faz o que deve.

DECLIO.

Desengano

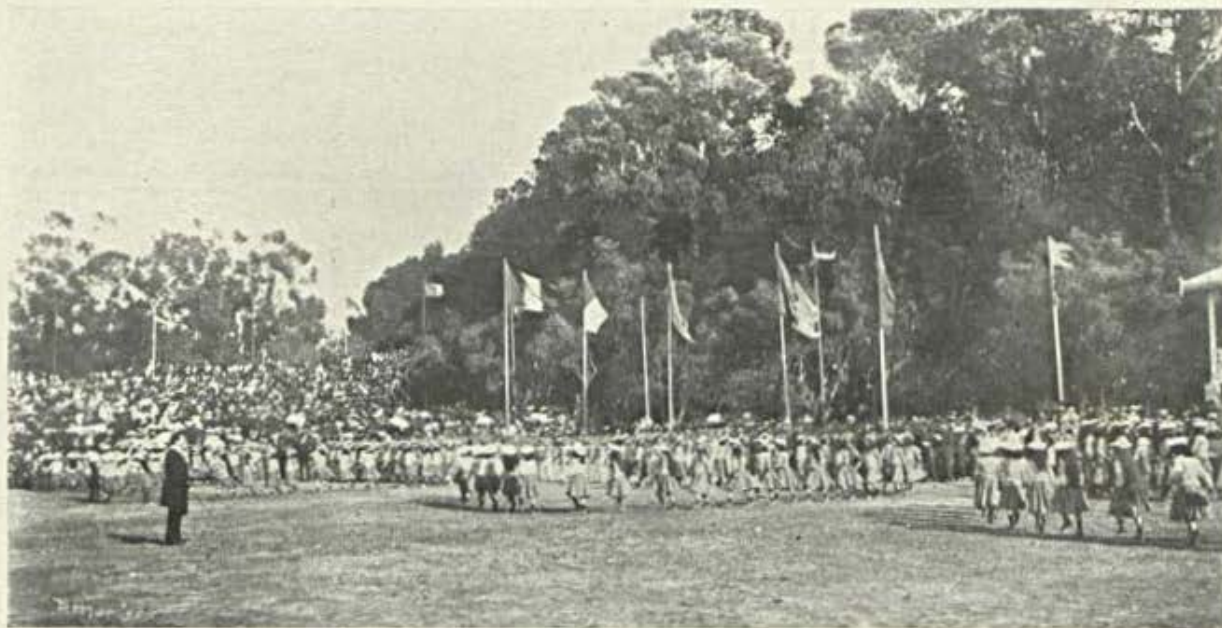
«Não, é tarde, estou perdido. E depois, quero morrer na brecha, entre aquelles que amo.»

Assim respondeu G. Larroumet a quem lhe aconselhava que procurasse um sanatório, onde prolongasse a existencia do corpo ferido de morte, minado por uma doença implacavel; e assim se deixou morrer, trabalhando até final, entre os que amava.

essa luz, minguando rapida, a qualquer outra mais intensa e viva que lhe mostrasse um mundo de indiferença, inerte em seu tumulo, destituido d'alentos, de carinho.

Desengano!... Todo o fulgor da obra gigantesca que o nosso orgulho chamou civilização, as forças poderosas que se arrancam ás entranhas da terra e aos poderes do vento para sujeitar a materia e a subordinar escrava do capricho e phantasia, nada pôde captivar o coração; e, só por se sentir bater junto d'irmãos, que um mesmo anseio exalta, abreviou o espectáculo magnificante das cidades que a multidão procura desavairada, tomando por fortuna e alto triumpho as fugidias cousas pereciveis.

Esse que o vulgo viu feliz, aureolado de louvores, rico de bens,



A festa das creanças. — A espiral — Aspecto geral

Foi um homem de letras eminente, que o applauso publico consagrrou; e viveu n'uma cidade esplendida, cercado dos prazeres sem numero que a vida urbana moderna tem inventado. Pois nem a fama do proprio nome e a persuasão vaidosa de preencher na terra alta missão, nem o appetite das delicias sensuaes que acariciavam os sentidos estimulando o espirito, — cousa alguma o convenceu de que existencia valia sem amor. Temeu menos a morte immediata do que o exilio e a solidão longe dos companheiros da sua alma. Os ultimos clarões da lampada a apagar-se haviam de illuminar affectos; preferiu

sentindo já a jornada no seu termo, não se esforçou por alongar o gozo que os estranhos deserto cubicavam; resumiu a ambição só em amar, e julgou vã toda outra forma de viver. E d'este modo deixou lição fecunda áquelles que obcecados vão seguindo, procurando a ventura onde não está, no gozo pertinax do nosso corpo, e desprezando-a onde ella floresce, n'esse pulsar de amor que é a vida, unica vida, cuja eternidade sobreleva á fraqueza e a toda a morte.

JAYME DE MAGALHÃES LIMA.



TYPOS DE BELLEZA



A escolher



Passado e presente

ELLA...

I

Tinha-me dito que vinha às cinco, mas eu, apesar de estar já muito acostumado á sua pontualidade, atrasada sempre uma hora pelo menos, não deixava de a estar esperando desde as tres, ansioso por a ver, dando encontros desordenados ao pobre relógio que sem se perturbar com o meu nervosismo lá seguia compassadamente no seu tic tac monotono e roncero. Bateram as cinco e meia; nada. Ainda é cedo, pensava eu sem me lembrar

Exequias por alma de El-Rei D. Luiz, na Sé (em 19-10)



A' entrada na Sé. — Chegada de Sua Magestades

de que já passava meia hora e de que havia mais de duas que esperava. Excentricidades de amantes; excentricidade comprehensiva se nos lembrarmos de que o amante mais amante é o amante que não tem amor. O pallidas e lividas Ophelias! ó românticas Julietas apaixonadas! ó honra de antigas eras de cavalheirismo e sentimento! estou vendo as vossas corôas de poesia tremendo sobre as vossas cabeças e as faces ruborizadas de odio por quem lhes vem desfolhar as mais bellas flores das vossas almas de amantes! Mas escutae-me corações puros e santos: os tempos mudaram desde os vossos tempos e o perfume agreste das florinhas simples do campo, já só conseguem embalsamar a rusticidade das paixões de provincia. Nas nossas cidades a modesta violeta não se sentia bem respirando o halito quente dos heliotropos do Peru; a singeleza das suas folhas não dizia com o requintado moderno. A simplicidade das florinhas agrestes foi substituída pelas caprichosas curvas das archideas e dos repolhudos chrysantemos. Tudo mudou, amantes de outr'ora! e com a queda dos symbolicos emblemas dos vossos corações apaixonados, cahiram tambem a pouco e pouco os sentimentos virgínes das vossas almas, transformaram-se os sonhos innocentes e o devanear poetico, accentuaram-se os desejos, cresceram as exigencias e os raios de lua que d'antes illuminavam os vossos primeiros beijos, na tufada folhagem de uma janella medieval, foram substituídos pelo brilho moderno das lampadas electricas de um *bon-doir* de sedas e velludo. Os juramentos de amor eterno, feitos aos pés de uma virgem rustica n'uma capellinha da floresta, passaram a ser feitos á falsa fé, junto dos cortinados de um leito, no sensualismo de duas caricias. Já vedes, amantes de fama eterna, que hoje em dia, com o prosaismo dos nossos tempos, o amante mais amante é o amante que não tem amor.

E foi por isso que eu esperei, sem desanimar e sem ciúmes, contente com o que me dessem, contanto que me dessem alguma coisa.

II

Quando ella chegou já tinham dado as sete. Eu, meio resignado e convencido de que já não viria, tinha-me installado o mais commodamente possível e á luz de um candieiro de *abat-jour* verde, entretinha-me a folhear um volume já lido de Paul Bourget. Quando entrou levantei-me; ella sorriu-me ainda meio escondida no reposteiro da porta e dirigiu-se para mim, apertando-me a mão com a maior naturalidade, como se me não tivesse feito esperar duas horas.

— Estou cansada, sabes, — disse-me ella, ao deixar-se cahir em um *fanteuil* no canto mais escuro do salão. Um instante depois levantou-se de um salto, dirigiu-se ao espelho e começou a tirar lentamente o chapéu. Cheguei-me a ella devagarinho e sem me atrever ainda a uma

censura, por ter vindo tão tarde, tentei tomar coragem com uma primeira caricia. Repelliu-me.

— Estou tão triste! Não sei o que tenho; se sobressa fazer versos... — e mudando repentinamente de tom, — lê-me uns versos teus, sim? sinto-me poetica. — Procurei primeiro pela forma, talvez um pouco por modestia mas ella insistiu tanto, pediu tão encarecidamente, que não tive outro remedio senão escolher um caderno azul onde ás vezes deixo cahir da penna uma linha rimada e abrindo ao acaso comecei a recitar-lhe umas estancias feitas a ella depois de horas inteiras passadas á sua espera n'um dia em que ella não veio. Lia com emphase, tomando da occasião, as queixas já passadas e tentava impressionar aquelle coraçãozinho ligeiro e leviano para lhe fazer sentir o quanto me era penoso esperar assim tanto tempo. A mim commoveu-me a leitura; tudo aquilo que eu alli escrevera sinceramente e com alma fizera adormecer em parte o homem de agora que existia em mim, para resuscitar um outro eu que teria existido commigo se eu mesmo tivesse vivido a uns seculos de distancia. Compreendi os soffrimentos dos antigos martyres do amor romantico e egualei-me a elles pela espontaneidade da paixão e dureza do martyrio. Muito pôde uma imaginação exaltada! Temos tanta facilidade em confundir o sentimento do ciúme com o despeito de um capricho não satisfeito, que muitas vezes sentimos o nosso amor offendido quando é apenas a nossa vaidade a soffrir.

O ciúme não é prova do amor: prova apenas um desejo frustrado.

Se vós me onxisseis, ó exemplarissimas esposas que tanto vos exaltaes com os caprichos dos vossos infelizes maridos, revoltar-vos-íeis contra quem tanto vos abelinalha os sentimentos. Mas que quereis, senhoras? Sois filhas de Eva e a grande familia do nosso paé Adão já não tem forças para sentir como d'antes; é preciso supprir a falta, dando lóros de grandeza á pequenez dos movimentos da nossa alma.

Foram estes os commentarios que eu fiz depois de ella me interromper a leitura, com uma gargalhada crystallina; uma especialidade sua.

— Pateta! Eu que te conheço ha tanto tempo, — a nossa ligação já dura ha um mez, — ter que acreditar em todas essas mentiras que me estás a ler.

Franca e de-novo me vontade de rir tambem com ella e apertal-a nos meus braços para mais facilmente lhe poder beijar as bochechas muito coradas pelo riso. Em todo o caso achei que era vexatorio dar assim tão repentinamente o braço a torcer e tentei protestar com todas as minhas forças. Foi inutil; riu-se ainda mais.

— Mas enfim que queres tu, lhe disse eu? Passo os meus dias esperando-te, mesmo antes da hora marcada já eu aqui estou, sosinho e aborrecido para ter a certeza de te encontrar, passam as horas de enfada, desespero-me, pereço todas as esperanças de te ver e só quando chega a occasião de te irs embora, é que tu appareces esbaforida, cansada, sem mesmo pretextar uma desculpa, como se fosse a coisa

mais natural d'este mundo e fazer-me assim esperar um tempo infinito.

Tentei dar-me uma expressão zangada e ao mesmo tempo de triste-



A eça — A capella-mór

teza a ver se de algum modo a poderia commover. Ella então cravou nos meus os seus olhos azues sempre a rir, sempre a troçar, levantou-se devagarinho, assentou-se-me nos joelhos e encostando a sua cabeça loira á minha cabeça, disse-me entre dois beijos e n'uma voz muito sumida:

— E se eu não viesse, não era peor?!

JOSÉ DE CASTILHO.

Da solidariedade feminina, em defesa da mulher contra o homem

Parece que não será tão cedo que veremos a totalidade das mulheres resistir á influencia deploravel da maledicencia. As mulheres separam-se actualmente, umas das outras, pela sua natureza e pela acção do homem, o são ainda mais pelos prejuizos de classe e da cathogoria da sua situação. Enfim, ellas não são solidarias, e não estão unidas. E o que seria preciso para lhes inspirar o espirito salutar da solidariedade? Simplesmente perseverar e pôr em pratica um programma de fundações de sociedades, de clubs e de gre-



Exequias. — A' saída da Sé — Sr.^{as} duqueza de Palmella] e marquezã do Fayal

n'esses bons sentimentos. Mas, apoiando-nos sobre informações certas, afirmamos solemnemente que elles se acham illudidos. Os que pensam e dizem que todas estas rainhas da moda são completamente viciosas, enganam-se, ou enganam-nos. Pela nossa parte, pedimos ao mundo indulgencia e justiça, para as mulheres chamadas namoradeiras em quem ninguem pensa pelo lado humanitario, por imaginar que foram procurar a felicidade nos annos, nos enfeites, nas rendas, em todos esses europeis de falso luxo, e sem querer reconhecer que a vida de galanteio, como a questão de prostituição, é uma questão de fome.

Alguns homens humanitarios e sociologicos eminentes occuparam-se do assumpto, e Leopoldo Lacour, tratou da questão, no seu bello livro — *O humanismo integral* com justa indulgencia e uma largueza de vista que o honram. Pois nós mulheres mostraremos menos compaixão para com as nossas semelhantes? Estas desgraçadas não serão dignas da nossa commiserção, por ser grande a sua desgraça? Ellas são, como nós, virgens ou esposas, victimas da triste situação em que a sociedade colloca a mulher, negando-lhe o direito de exercer um grande numero de profissões, depois de lhe ter fechado os estabelecimentos scientificos, os institutos industriaes, commerciaes e outros, cujas portas deveriam estar francamente abertas para as mulheres como para os homens. Estas carreiras poderiam assegurar-lhes um futuro honroso.

Ora, longe de se animar na mulher de uma certa classe o gosto pelo trabalho, considera-se isso como uma deshonra. D'ahi resulta que a mulher sem recursos se acha desprezada por toda a parte, seja como caixeira de armazem, governante, modista etc. ou como namorada. E, desprezo por desprezo, as raparigas entendem ser preferivel uma situação que lhes proporcione um pouco de liberdade e de prazer, como ellas imaginam. O egoismo do homem e da sociedade que abandona os interesses mais sagrados da mulher, como se não valesse a pena cuidar n'elles, é mais culpavel que o acto de desespero da abandonada. Comtudo essas cortezãs de que se tem inveja (e sem razão na nossa opinião) são ás vezes filhas naturaes de grandes senhores. Em virtude da lei do atavismo, ou de razões de esthetica, ellas podiam por um instincto aristocratico, bem comprehensivel, amar o luxo, repugnando-lhes os trabalhos mal recompensados. E desgraçadamente foi isso mesmo que se deu com a nossa triste heroína. Repellido do mundo aristocratico ella procurou nas classes menos elevadas ganhar para viver, com o seu trabalho manual; mas, por cumulo da desgraça, a distincção das suas maneiras com a grosseira das suas companheiras lhe produziu novas humilhações, tornando-lhe a vida impossivel n'aquelle meio. Para quantas raparigas, a sua educação ou belleza se converte n'este val de lagrimas em obstaculos que revezes subitos e independentes da sua vontade as precipitam de um dia para outro! E deverão ser qualificadas de crime a sua distincção e elegancia? E é culpa sua que a cobardia e a traição de um homem as fizessem fraquejar? Julgareis que ellas são mais responsaveis da fatalidade que as retem na desgraça, do que da fatalidade que para lá as arremessou?

Ellas fingem ser felizes, felizes de um dia, ou de uma hora. E que importa se é a verdadeira felicidade ou a illusão da felicidade? Mas, seja como for, é razão para que, ao acordarem d'esse sonho, tão curto quanto é possivel sel-o, as saturem de desprezos, e as prostem com insultos, e sejam assignaladas com um desdem cruel, devido evidentemente á perversidade dos homens que começaram por classificar as mulheres em categorias, segundo ellas possuem ou não possuem a sua virgindade para lhes sacrificar? Era preciso ao minotauro eretense sete virgens todos os annos para saciar os seus appetites de luxuria. Quantas não serão precisas em cada anno ao minotauro do deboche moderno? Respondam as victimas, as desgraçadas que são a presa fatal do monstro da lubricidade masculina. Qual Theu nos livrará d'elle sem se perder n'este labyrintho do vicio, e qual Ariana lhe dará o fio conductor para sahir d'ahi são e salvo, tendo cumprido a sua obra de salvação? Ao menos que Ariana não se encarregue ella propria, e seja a mulher que salve a mulher. É logico que, a fim de destruir para sempre o deboche no homem, a mulher conte sobretudo consigo; mas, enquanto as mulheres esperam pela libertação ou pela libertadora, vão succumbindo todos os dias. E não será justo valer-lhes na sua angustia?

mas em que as mulheres só fossem admittidas, e onde ellas tivessem a liberdade de desenvolver as suas facultades intellectuaes e moraes. Ellas achariam ali o unico meio de organisar a propaganda, em favor, das suas ideias de justiça, de solidariedade e de paz. Todas as mulheres, aproximando-se por esta forma, acabariam por comprehender que o homem só é a causa da sua situação inferior, do ciúme tólo que ellas inspiram, e do pouco interesse que tomam, uma pelas outras. O homem tem-se aproveitado da falta de união das forças femininas, fazendo da mulher a sua propria inimiga. Eis o grande mal que devemos combater com toda a a energia. É preciso que a mulher ame a mulher, seja qual for a cathogoria a que pertença, consolando e protegendo as suas irmãs. Tal deverá ser o ideal de uma *humanitaria*, e ahí acharemos o termo da reprovação que pesa actualmente de uma forma tão injusta sobre as mulheres chamadas cortezãs, ricas ou pobres, victimas umas e outras do homem, e sendo, por esta circumstancia, dignas da nossa indulgencia e do nosso interesse.

A vida da nossa pobre amiga, este longo drama de miseria e de soffrimento nos revelou effectivamente, a respeito da traição e da cobardia dos homens, verdades horribes que desgraçadamente não são excepções.

A nossa historia não é sómente a de uma mulher, mas a do martyrologio de uma classe inteira de opprimidas, victimas da desigualdade moral e social, tal como hoje existe.

Não se ignora que muitas d'estas pobres mulheres acabam por se apaixonar. Então são scenas de ciúme e revolta, crises de lagrimas, resoluções extremas e tragicas, fugidas pungentes. Pessoas bem informadas nos tem affirmado haver reconhecido em muitas d'estas rainhas ephemeras, raparigas da sua provincia, outr'ora honestas, trabalhadoras, virtuosas e bem educadas, o desejo de recomeçarem, se fosse possivel, a vida tranquilla da sua mocidade. Uma natureza boa nunca se recorda sem emoção e sem saudade das scenas da sua infancia, e quando ella encontrar no seu caminho alguem, seja homem ou mulher, que lhe estenda a mão para a tirar do lodacal em que se vê enterrada, será com ardor que segurará esta mão libertadora, porque essas mulheres tem um coração cheio de ternura e de bondade, ainda que infelizmente a maior parte dos homens e das mulheres não acreditem



Exequias. — A' saída da Sé — A delegação chinesa,

Queremos servir de irmãs a essas mulheres cahidas e forçadas a cahir, trabalhando para as levantar, depois de nos terem confiado as suas penas. Seria faltar a um dever sagrado desprezar semelhante tarefa, não procurando levar o remedio a esta situação, não lutando para obter justiça, não contribuindo, enfim, na medida do possível, para

NATAÇÃO

Alfeite e Cascaes (15 e 16 de outubro)



Arthur Rumsey, do Real Club Naval do Porto
O campeão da natação e da prova de resistencia em Cascaes

modificar o espirito publico contra as mulheres cahidas, e que o homem fez cahir.

Comprehendemos e concordamos que não possa haver desde logo uma indulgencia sem limites para estas mulheres, mas queremos e pedimos para que se acabe com esse odio premeditado e esse desprezo systematico, e para que haja pelo contrario uma indulgencia racional e uma piedade intelligente e justa, destinada a levantar a mulher cahida, em logar de a enterrarmos cada vez mais.

MARGARIDA BODIN.



Um anno de chronica

A musica

A musica é, como a paisagem, uma arte essencialmente moderna. Reflecte, como nenhuma outra manifestação do sentimento humano, a nossa epoca de indeterminado desejar, de vaga aspiração, de extrema ansiedade, de fluctuante, incoercivel vida psychologica. A' forca de investigarmos, de descobirmos, de reduzirmos a formas e a leis precisas, tanto no dominio da sciencia como no da esthetica, sentimos quanto de insondavel, de mysteriosamente profundo, de incomprehensivelmente vasto ainda nos escapa na complexa alma do homem. Essa alma é, para quem a estuda, como o firmamento: quanto mais constellações se lhe descobrem, quanto mais phenomenos se lhe prescurtam, quanto mais conquistas sobre elle alcançamos, mais vae recuando, mais vae fugindo, mais nos vae abysmando n'esse espanto irresistivel e fundo, que Littré, o sabio, tão poeticamente definiu — a dolorosa voluptuosidade do infinito!

Pois é para além do mundo moral já realizado nas outras artes, é para além do brilho limpido dos nitidos sentimentos e energias da consciencia e do coração, é para além dos estados do espirito plastica ou litterariamente revelaveis, que a musica nos leva, por entre as lacteas nebulosas, por entre as ondas de luz e os incristalaveis e fulgurantes mundos do sonho, n'um vôo largo e unido, ou cortado e ansioso, como o da aguia ebria de sol, ou como o da ave ferida. Onde termina a expressão da poesia começa o dominio da musica, dando syntheticamente a impressão das coisas pela emoção una, generica, simples, que ellas despertam. Não analisa nem descreve, no sentido especial da palavra. Dá por combinações e movimentos tudo quanto de mais geral o coração pôde sentir em frente do mundo, ou sob o imperio d'uma paixão forte, ou d'uma ondulante, irreductivel, perdida e doce rêverie.

O grande, o profundo valor da musica, como o das outras artes, está na comprehensão do seu dominio, e da medida de expressão a que pôde chegar, na genial visão do que lhe é dado definir. Ora n'isto vemos, havemos de vêr por forca, se não fórmos de todo cegos em questões de arte e de psychologia, que a unica musica verdadeiramente, justamente, possivelmente expressiva, é a allemã. A musica italiana, que nos embala e nos encanta é, no entanto, uma manifestação de arte mais decorativa do que expressiva. Não vive só por si. Reveste por vezes, como na sua opera, um caracter litterario, tentando descrever minuciosamente, dar scenas historicas complexas, tecer difficeis intrigas de amor, analysar e revelar minimas differenças sociais e moraes; ou então constitue, na linha continua da sua melodia o elemento d'um quadro geral, como, por exemplo succede com uma barcarola, vibrando, no meio d'uma paisagem bella, n'um lago ou n'um porto banhado da luz branca e vaga do luar algido.

Os grandes mestres da musica, Beethoven á frente, deram toda a vida da alma, exactamente porque dos sentimentos deram o que elles teem de geral e primitivo, de nativo e forte, ou de vago e naturalmente fugidio, o que pôde, enfim, revelar-se na melodia e na harmonia

Essa profunda comprehensão deu, nas formas mais puras da arte musical, as grandes symphonias e as bellas sonatas; e reflectiu-se tambem na opera, como o revelou Wagner que, não obstante (e justamente, n'alguma das suas qualidades) é considerado pelos erentes da grande composição classica, um rebelde e um insurreccionado.

Elle comprehendeu, como os inexcitaveis musicos que o precederam que, não obstante as grandes differenças que distinguem as formas musicas, e os seus especiaes processos, há um fundo commum a todas ellas. Quaes são os primitivos sentimentos e paixões do homem, nas edades fortes e heroicas, nas epocas em que as energias moraes das raças se revelam nativas e frescas? São o amor ardente, impetuoso, e ao mesmo tempo encantadoramente simples; a religião, affirmada n'um culto sincero e ingenuo, feito de transparentes e luminosas legendas, e em que todas as almas entoam uma prece, que sobe como um insenso puro para os ceus; o odio extremo, invencivel; o sentimento do heroismo manifestado na consagração dos vencedores, dos bravos; é o temor e admiração candida em frente d'uma natureza cheia de mysterios, na palpação dos astros, na chamma do sol, no surdo reboar dos trovões, na agitação desgrenhada das florestas profundas, na queda colossal das avalanches, nos quadros phantasticos das nuvens, na voz longinqua e monotona das torrentes, do mar, e dos ventos, — em frente d'uma natureza, que o homem primitivo não analisa minuciosamente,



Monteiro, do Club da Figueira — 2.º premio no Alfeite

não cataloga, mas descreve em largas expressões, em formulas amplas, em rythmos simples.

Pois foram todos esses sentimentos de amor, de odio, de heroismo, de religiosidade, de mysterio, que a musica foi buscar; que a musica, arte na sua verdadeira aurora, expressou e revelou.

E não ha contradicção em dizer que a musica é arte essencialmente moderna, e ao mesmo tempo se revela na traducção de sentimentos simples e primitivos. Toda a grande arte traduz sempre com os recur-



Natação

Arthur Rumsey, nadando do Forte-Velho em S. João do Estoril para a bahia de Cascaes (2500 metros)

sos proprios, e na medida que lhe compete, esses sentimentos que constituem os primeiros fundamentos da alma humana. A propria *rêverie* não será um vôo do espirito para mundos vagos, limbosos, onde nos refugiamos do definido, do preciso, do limitado?!

N'esta arte, que nos dá profundamente o que somos, nos seus cantos heroicos, nos cantos de paixão simples, ou nas doces ondulações da *rêverie*, erguem-se superiormente os vultos de Beethoven e Mozart. Salvas as diferenças que já ficam estabelecidas, comparando a litteratura e a musica, não receio dizer que o primeiro dos dois semi-deuses me recorda por vezes, na grandeza epica, na profunda dôr religiosa e na immensa, revolta, ardente, intensissima revelação da vida, os genios de Eschilo, de Dante e de Shakspeare. Ha n'algumas das suas melodias um linha tão pura e firme, um contorno tão seguro, uma tão nobre grandeza, que lembra as grandes scenas da tragedia grega. E para mais accentuada se tornar a semilhança, as harmonias profundas, agitadas, commentando, bordando, dando relevo ao canto que vibra n'um fogoso vôo de paixão, trazem-nos á lembrança os côros solemnes com que o theatro antigo illuminava a acção do heroe, do personagem central.

N'outras creações sente-se uma religiosa emoção, como, por exemplo, no *Largo do trio em ré maior*, que vibra dolorosamente como um côro profundo de feis resoando pelas naves magestosas d'um templo gothico.

N'outras parece que um combate tragico se empenha entre uma phrase de extraordinaria pureza melódica e uma tempestade colossal de titanicas harmonias, como se a musica revelasse a eterna lucta da Alma e do Destino.

E tambem, por vezes, se ergue o canto tão alto e vibra tão candidamente limpido, que nos lembra como que o nascer d'um mundo, o enrubecer d'uma aurora onde almas primitivas cantassem n'uma beatidade imperturbavel ou tudo quanto de mais ingenuo criou a pura e facil inspiração popular.

Mozart é um grego, na significação possivel d'esta designação applicada a um musico. As suas composições tem uma graça, uma frescura, uma intenção que, ao ouvi-las, somos levados por uma inexplicavel e involuntaria correlação de idéas, a pensar nas graciosas formas, nas luminosas creações d'essa juvenil e eterna Hellade de Alcibiades e do divino Platão. Deu á musica a expressão olympica e a harmonia de contorno que Phidias e Praxiteles imprimiram ao marmore. As suas *sonatas*, d'uma linha tão doce e tão pura, que ao mesmo tempo que encanta nos inspira um não sei quê de doloroso, por completamente perfeito, são como as estatuas immortaes.

Beethoven e Mozart são as duas estrellas de primeira grandeza na constellação radiante dos musicos allemães, e portanto de todos os musicos.

Mas, dirá o leitor, a que proposito veio esta dissertação sobre musica?

A proposito das *matinées de musica classica*, entre nós iniciadas pelo fino artista Rey Collaço, com Victor Hussla, Cunha e Silva e Freitas Gazul; a proposito da primorosa execução que tiveram e continuam a ter as composições dos primeiros musicos da Allemanha, e especialmente os dois grandes genios, por parte do *quartetto classico*, que pôde vir a ter uma grande e salutar influencia na vida artistica de Lisboa.

O entusiasmo com que os artistas foram applaudidos nas duas primeiras *matinées*, dá esperanza de que essa bella iniciação produza grandes resultados na educação, na orientação esthetica da nossa sociedade.

Não serão estas as ultimas linhas que dedique aos artistas do *quartetto*, e especialmente ao meu querido amigo Rey Collaço.

N'outra chronica hei-de fallar d'elle mais demoradamente, tentando revelal-o o melhor possivel aos que ainda não tiveram a felicidade de o ouvir e de o comprehender.

SILVA GAIO.

Romantico

— Ajude-me a servir o chá, primo... —

Levantou-se. Na quasi obscuridade da sala, que tinha uma luz violacea — coada pelos vitraes onde se curvam lirios roxos — Clara parecia nascer dos tapetes, como uma graciosa e alta flôr de espuma. «Toilette» branca e ligeira, como penas de aves, toda em musselinas, apenas indicando a elegancia do seu corpo fino, ia morrer no tapete branco...

Ia por entre os moveis, offerecendo as chavenas onde fumegava o chá perfumado, que da China trazem lentas caravanas, por tortuosos caminhos. O seu corpo agil descrevia carinhosos curvas. O ruido das conversas continuava... Um «flirt» a um canto murmurava, como se as palavras ficassem nos labios. Paulo, de grupo em grupo, uma chavena na mão, contente por ser alguma coisa, junto d'ella tinha na bocca um sorriso beato.

N'aquella tarde nem conversava. Ent-avam e saiam as visitas umas apressadas, — «apenas para saber de ti, Clara» — outras morosas, dando «rendez-vous» no salão elegante e discreto, onde na meia luz quasi se não conheciam as pessoas, podia-se estar sem ser visto. E Paulo, calado, n'um fauteuil a um canto, sorria para si proprio, olhando a figura indecisa de Clara, os cabellos loiros, na sala como enevoada onde apenas o fogão, por baixo do para-feu, tinha um brilho vermelho.

Lembrava-se de todo o comprido caminho percorrido desde aquella noite em Cascaes, em que o impressionara a graciosidade de Clara, o seu aspecto de flôr fresca, sempre em «toilettes» leves, abundantes em gazes, crepons tenues. Certamente que, companheiro e parente, admirára sempre a belleza da prima, mas seguira outros caminhos,

nunca reparára bem para o enigma perturbante dos olhos verdes, para a elegancia moderna, feita de graça, a gentil figurinha de Bordini, princeza de cera e de seda, cujas mãos eram dignas de vêr florir entre os dedos os aneis mais preciosos que Vever e Lalique inventam, em combinações de moribundas gemmas. Nunca olhára bem para ella com olhos de vêr. Habitára-se desde a puberdade a vê-la. E seus cubiosos olhares procuravam outras mais distantes, que julgava conhecer menos, pelo encanto do imprevisito.

Mas essa noite! Como



Pudor? Frio?



lhe apparecia ainda, depois de tantos mezes nitidamente, essa noite d'um ceu leitoso, com uma lua enevoada, que se espalhava sobre o mar, sem brilho. Na varanda do Casino, quasi deserta, os Aners incidiam fortemente sobre Clara. No mar, em baixo, fogaehos prateados tremiam. E além, as raras luzes da Cidadella; na Esplanada os focos esverdeados tiravam da sombra manchas de palmieras e listravam de luz a agua inquieta, gombunda e mysteriosa.

Paulo, recostado n'uma cadeira, olhava a mancha mais negra do yacht real,

apagado, apesar das suas lanternas que tremeluziam no mar. O charuto caira-lhe da bocca. Foi uma phrase preciosa de Clara que o acordou:

— Quem me dirá um dia a cantilena do mar? Como ella embala! Como seria bom dormir a ouvir junto de nós a suave cantilena!

Paulo olhou para ella surprehendido. Pois qué? Clara, a ultima florescencia dos *raouts* e dos *teas*, teria phrases de heroína de Rosseti, seria leitora de Ruskin? Foi então que reparou nos olhos cheios de sonhos e de misterio, na bocca dolorosa, a vermelha e fina bocca, no seu collo de infanta apenas nubil, em toda a adolescencia que se conservava intacto no corpo precioso, como um fructo no gelo.

Começou então a seguil-a. Dura lhe foi a vida em theatros, jantares e bailes. Não faltava a uma *sauterie*, a uma *party*, que d'antes o deixavam indifferente, ficando nas interminaveis partidas de *bluff*. A dolorosa expressão que na bocca se vineára n'aquella noite do Casino desaparecera; um grande contentamento da vida parecia boiar á flor dos olhos garços e os movimentos rythmicos, que ella fazia, como se fosse ao som d'uma musica; eram livres, felizes, sem promessas.

Não voltar o abandono d'aquella noite! Paulo desejava que Clara outra vez abrisse a sua alma, para elle sentir a caricia deliciosa.

Mas a mulher amada conservava-se indifferente, risonha, um pouco *coquette*.

Para os seus madrigaes escolhidos, preparados com antecendencia, buscados em livros de auctores novos, phrases perturbantes de Lorrain, perfumados distices de Henri de Regnier, licenciosas palavras de Lionel des Ricux, com um sabor antigo, até o proprio d'Annunzio servira para a pillagem, — para todos esses periodos carinhosos ella tinha o mesmo riso, que abria a bocca fina, descórada, que o traço de carmin violentaria a macerada pallidez da sua face:

— Ah! Paulo! Ah! Paulo! Apaixonado por mim! Tenho-lhe conhecido tantas paixões? Só na semana passada, tres!

— Se não penso senão em si!

— Quando está commigo? Nem isso!

— Clara! Clara! Se me conhecesse bem, veria como a minha alma se fez para si um fresco bordão de assueenas...

E outro riso claro cantava na bocca exangue, a troçar da phrase pretenciosa.

Uma tarde, n'um *garden party*, enquanto no *court de tennis* as palavras inglesas cruzavam-se e os jogadores corriam, a *raquette* no ar, elles um pouco afastados, juntos a um macisso de jasmineiros que floria, cobrindo-se d'uma renda fina e branca de pequeninos jasmims, Paulo, esquecendo-se das phrases decoradas nos romances, deixou sair da bocca, livremente, toda a força e toda a anciedade do amor que parecia abrir-lhe uma chaga no peito, teve palavras em que fulgiam desejos, os olhos brilhavam, enternecidos, agarrou-lhe nas mãos, encheu de beijos as palmas roseas, puxou-a para si, e pôde dar-lhe, de surpresa, um grande beijo na bocca, soffrego, que Clara não pôde evitar.

Voltada a si do pasmo, espantada pelo insolito atrevimento que a sua ligeira *coquetterie* não permitira, quiz zangar-se; mas voltou a rir-se, como se esse beijo, que lhe deixara na boca um calor de chamma, tivesse sido apenas uma phrase, das grandes phrases de Annunzio, tão cheias de volupia que entontecem, como os largos calices das magnolias n'um pequeno jardim fechado. E sempre a sentir na bocca a impressão ardente d'esse beijo, Clara correu para o *tennis*, a querer jogar tambem para esquecer-se.

Era d'esse beijo que Paulo vivia, tomado de assalto, como n'uma pillagem de egreja.

E, apesar de Clara continuar a ser indifferente e risonha para elle, lembrava-se da perturbação que levára á alma ligeira da preciosa bonequinha de Nuremberg; olhos abertos, continuava a sonhar que esmagava os labios exangues sobre a pressão da sua bocca ávida.

Paulo era um romantico. Paulo vivia de pouco, como as aves do ceu.

HENRIQUE DE VASCONCELLOS.



ECHOS DAS PRAIAS



Idyllo em Cascaes



Na Trafaria

Grande Casino de Paris

Grças á iniciativa de um homem de gosto e de empreendimento, Santos Liborio, Lisboa tem um casino, e, o que é mais, um casino elegante, vasto, confortável, podendo soffrer confronto com os melhores das grandes capitães.

Era uma falta que se impunha á civilização do nosso tempo, e que, felizmente, acaba de ser preenchida com exito.



Bella Juanita
Cançonelista

Correu agora todas as cidades importantes da Italia, e algumas de França, quem escreve estas linhas. E confessa que ao visitar tantos



Las Pastors
Bailarinas

casinos elegantes, frequentados por todas as classes sociais, reunindo todas as innovações que tornam as horas aprasiveis n'essas estancias de recreio, era sempre forçado a lamentar evocativamente que Lisboa, uma das mais formosas capitães da Europa, fosse privada de uma casa n'estas condições, que é, sobretudo nas longas e frias noites de inverno, o pasatempo mais agradável para uma grande parte da população.

Varios projectos tinham apparecido, varias installações apropriadas se annunciaram desde o principio do verão passado, vastos e apparatusos programmas tinham já visto a publicidade nos jornaes de maior circulação, mas o tempo corria, as obras não começavam, e era-se obrigado a reconhecer que esses programmas não passavam de doidradas utopias.

Entre tantas esperanças e promessas lançadas ao vento, salvava-se uma, porém. A area de Noé das phantasias sossobron por fim, ficando apenas ao lume d'agua... o Grande Casino de Paris.

Esse, de phantasia converteu-se em realidade, e eis-o ali, em plena Avenida, no coração da cidade, a mostrar com nfania que Lisboa não é tão selvagem como a pintavam, que os seus habitantes já teem onde passar aprasiveis algumas horas da noite e que os estrangeiros, que não frequentavam os theatros porque não comprehendiam a lingua, tnhãm de hoje em diante, como em todas as cidades civilizadas, uma casa elegante, uns salões amplissimos, profusamente illuminados, decorados com arte, satisfazendo todas as exigencias do moderno comfortable, onde as primeiras horas da noite lhes correriam rapidas jovias, saboreando finos pitões e bebidas excellentes, ouvindo deliciosos trechos de musica, desopilantes scenas comicas e assistindo a danças e cançonetas excitantes, que põem, por momentos, clarões no espirito e fremitos no sangue.

E' caso de felicitar-mos por este melhoramento, ha tanto reclamado, a cidade inteira ou antes o paiz, e de felicitar-mos sinceramente aquelle que o empreendeu e com tanto brilho o vê realiado.

No proximo numero do *Brasil-Portugal* daremos alguns clichés do interior do *Grande Casino de Paris*, tendo já hoje o agradável ensejo de apresentar aos nossos leitores os retratos dos principaes artistas que elles vão ter occasião de applaudir ao vel-os exhibir a sua arte no pequenino mas elegantissimo palco d'esse casino.



Nadège
Artista lyrica — Primeira estrella do Scala, de Paris



La Camargo
Bailarina

Livros novos

A Arraia miuda

Está sendo um phenomeno de notavel encerebração a fecundidade litteraria do sr. Faustino da Fonseca. E' já longa a serie dos seus romances historicos, o ultimo dos quaes *A Arraia miuda* é ao mesmo tempo obra de boa litteratura e estado enfiadoso e aprimorado de um dos mais movimentados e interessantes periodos da historia portugueza.

Todas as desenfreadas paixões politicas que agitaram o espirito dos portuguezes n'esse periodo agitado em que destacam as figuras de Leonor Telles, do Mestre d'Aviz, e tantas outras que teem fornecido ao romance e ao drama um precioso contingente, actúan e fermentam n'esse volume de cerca de quatrocentas paginas com que o sr. Faustino da Fonseca veio enriquecer a sua galeria e prestar ás letras portuguezas um bom serviço.

Em formosa edição publicou-o a livraria Tavares Cardoso e em todas as livrarias o podem encontrar os que se dediquem a este genero litterario que ao mesmo tempo instrue e deleita.

A renovação da Irenia

E' um romance de costumes, em que os traços de observação justa e o desenho das figuras de tal forma o valorizam, que não é de mais o collocá-lo entre os melhores romances modernos, consagrados pela critica e pela opinião.

Na primeira pagina do volume, publicado pela Typographia Universal do Porto, lê-se o nome do auctor, o sr. Thaumaturgo Furtado já bem conhecido nas nossas letras pelos seus precedentes trabalhos litterarios: *A Política Portuguesa* e *Doutor Olympio*.

A *Renovação da Irenia* desejamos a sorte feliz que tiveram os seus antecessores.

Os ultimos dias de Pompeia

A Livraria Ferreira & Oliveira acaba de prestar um bom serviço com a publicação de mais esta edição.

Os ultimos dias de Pompeia, magistralmente vertidos do inglez por Marianno de Carvalho.

Inutil é recommendar a leitura d'este livro, cujo titulo suggestivo basta para mostrar a quantos se interessem pelos acontecimentos da velha historia que foram estudados com rigor os acontecimentos que se produziram nos ultimos dias de Pompeia, a vida e os costumes da bella cidade romana, cujas ruínas visitam com pasmo e respeito aquelles que tanto se interessam por assumptos d'esta natureza.

Regresso ao lar

De Nova Goa manda-nos o seu ultimo trabalho litterario o sr. Marianno Gracias, que mais de uma vez collaborou nas paginas do *Brasil Portugal*.

E' um encantador poemeto, em que a forma correctissima e o sentimento elevado dão a medida do valor do poeta.

Grammatica portugueza

O sr. João Bonança, um trabalhador incansavel e um erudito, está publicando em fasciculos uma grammatica portugueza, segundo a indole e principios da lingua primitiva. Esta indicação basta para mostrar a responsabilidade e o valor d'esta grammatica inconfundivel, que acima de tudo attesta as facultades de observação e de trabalho que distinguem o auctor da *Historia da Lusitania*.

Especial agradecimento pelos quatro fasciculos que o auctor offereceu ao *Brasil-Portugal*.

Trapalhadas

E' um escriptor naturalmente e singellamente humorista o sr. Barbosa Vianna que em Pernambuco — a Veneza do Brasil — sabe conciliar de uma forma os seus deveres de negociante com o cultivo aprimorado da litteratura poetica.

As *Trapalhadas* são uma viva manifestação do seu espirito litterario que se desentranha em satyras inoffensivas, em que o humorismo resalta, e, por vezes, abunda a graça.

Enriqueceu o volume o prefacio de Carneiro Villela, que põe em relevo o original merito litterario do auctor das *Trapalhadas*, a cuja edição deu larga publicidade a typographia da *Empresa Litteraria e Typographica do Porto*.

A Odysséa dos tísicos

E', sob todos os pontos de vista, primorosissimo o album de musicas e versos que com aquelle titulo o illustre compositor e violinista Raul Pereira dedicou e offereceu a S. M. a Rainha.

Os sonetos que servem de letra ás dispersas composições musicas são firmados pelos poetas já fallecidos e victimados pela tuberculose: Guilherme Braga, José Duro, Antonio Nobre e Cesario Verde.

A delicadeza, por assim dizer sentimental que presidia á escolha d'estes nomes, a inspiração ao mesmo tempo arrojada e larga que se nota no trabalho musical, e a offerta do album á gentil rainha de Portugal, que tanto se tem interessado pela sorte dos tísicos, são tudo isto outras tantas seducções para a aquisição d'este album encantador, que deixa o nome do sr. Raul Pereira vinculado a uma obra ao mesmo tempo de arte e de caridade.

Problemas da questão sexual no ponto de vista moral e sociologico

Aqui está um trabalho de grande alcance social, educativo e moralista, que a parceria Antonio Maria Pereira traz para a publicidade n'um volume de 216 paginas compactas.

Dois nomes figuram na primeira pagina d'este livro deveras instructivo e util: o da auctora; Margarida Bodin, e o do traductor o sr. general Constantino de Bito.

Do valor social da obra e dos altos fins que ella attinge dá ideia perfectissima o excerpto que hoje publicamos.

Devem ter este livro á sua cabeceira as mães, porque nas paginas d'elle encontrarão noções, pontos de vista, ensinamentos, que de muito lhes devem servir quando pretendam educar seus filhos para a seriedade da vida.

Recommenda-lo é o nosso dever.

Onde canta o Sabiá



Dr. Fausto Cardoso

Jornalista e deputado federal, chefe da revolução sergipana, ultimamente morto pelas forças legais